



# Uma viagem no tempo

## ***O Rio Grande do Sul dos séculos XVII e XVIII***

Neste número os leitores do nosso boletim eletrônico encontrarão um amplo material sobre a obra *História do Rio Grande do Sul dos dois Primeiros Séculos*. Saberemos quem foi Carlos Teschauer (1851-1930), do que tratam as 1600 páginas dos três volumes da obra publicada entre 1918 e 1922, qual sua atualidade, as razões da reedição da obra com ortografia atualizada e tradução vernácula dos documentos do oriental espanhol e outros detalhes. E mais. Queremos motivar nossos leitores para a apresentação do livro de Teschauer. Será dia 9 de maio, no projeto ***IHU Idéias***. Será apresentada por Luiz Osvaldo Leite, professor da UFRGS e pesquisador do pensamento filosófico do RS. Luiz Osvaldo Leite (69) leciona há 30 anos na UFRGS. Foi o fundador do Instituto de Psicologia dessa Universidade, do qual foi o primeiro diretor. É conselheiro da Faurgs e Coordenador do Comitê Central de Ética da UFRGS. Atuou na área social como presidente da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem). Participou ativamente da área cultural, tendo sido duas vezes diretor da Divisão de Cultura de Porto Alegre. Seu último cargo público foi o de presidente da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Local: Sala 1C103. Hora: 17h30min.

A seguir publicamos um artigo escrito pelo Prof. Luiz Osvaldo Leite. Os subtítulos são nossos:

### **O livro que Getúlio leu**

No dia 26 de outubro de 1928, o jornal positivista de Porto Alegre *A Federação* noticiava o seguinte: “Ontem, às 10 horas, recebeu o Ginásio Estadual Anchieta uma visita íntima de S. Ex<sup>a</sup> o presidente do Estado, Getúlio Vargas, acompanhado pelo Dr. Oswaldo Aranha, secretário do Interior. Os ilustres hóspedes visitaram demoradamente o grande edifício. No salão nobre, o secretário do Interior, Dr. Oswaldo Aranha, agradeceu, em nome do presidente, as homenagens dos

anchietanos – prestada ao chefe do estado. Teceu, em frases eloqüentes, elogios aos jesuítas, ‘cujos alunos, entre os quais por certo também o orador (Aranha foi aluno do Ginásio Conceição, de São Leopoldo), ocuparam os mais elevados cargos da Nação’. Na sala de recepção, foi oferecido um cálice de licor aos visitantes. Antes de retirar-se, quis ainda o ilustre visitante agradecer ao padre Carlos Teschauer, de 77 anos de idade, o muito que havia contribuído pelo engrandecimento do Rio Grande do Sul, com sua célebre história, da qual afirmou tê-la lido e apresentado”.

## Fontes e documentos inéditos

A que obra e a que autor se referira o presidente Vargas?

Getúlio Vargas referira à *História do Rio Grande do Sul dos Dois Primeiros Séculos*, obra em três volumes, editada pela Livraria Selbach de Porto Alegre, de 1918 a 1922, numa iniciativa editorial corajosa, digna de todos os louvores para aquela época. E recente, com cerca de seis anos.

Tratava-se de trabalho de grande alcance histórico, fundamental para o conhecimento do nosso Estado. Na edição original se registrava depois do título: “Haurida nas fontes contemporâneas e documentos inéditos dos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Distrito Federal, do Arquivo Geral de Buenos Aires, de Montevidéu, de Assunção e de Santiago do Chile, do Arquivo Nacional de Madri, do Arquivo das Índias de Sevilha e do Estado de Simancas, dos arquivos de Estado de Roma e do Vaticano e do Arquivo Geral de Bruxelas”.

Em uma viagem a Buenos Aires, em 1904, Teschauer encontrou o célebre historiador das missões guaranis Pe. Pablo Hernández S. J., autor da monumental obra *Organización Social de las Doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesus*, para a qual ele estava recolhendo material. Perguntando sobre documentos e a respeito do Pe. Roque Gonzales, Hernández apontou para uma enorme pilha de papéis em um canto de seu quarto, que pudera retirar dos arquivos para o colégio, a fim de estudá-los, dizendo-lhe: “Olhe, tudo o que se refere aos Sete Povos está aí. Talvez possa encontrar o que procura”. Logo à primeira vista Teschauer reconheceu que tudo aquilo era um tesouro de incalculável valor, a mais pura história do RGS, nas suas fontes mais genuínas. Vendo, porém, que o tempo de que dispunha era curto, pediu aos superiores prorrogação do prazo para suas pesquisas, metendo-se a copiar – não existia a reprografia contemporânea – por semanas a fio tudo o que julgou ser-lhe útil. Foi esta a inesperada origem da sua *História do RGS*. O próprio Teschauer confessou que, se tivesse chegado a Buenos Aires um ano depois, o Pe. Hernández teria restituído todo o material aos arquivos e ele talvez nunca tivesse achado aquela mina. Quem relatou este fato foi o historiador Pe. Luiz Gonzaga Jaeger S.J., que conviveu com Teschauer, por muitos anos, no Anchieta.

## Conteúdo da obra

O próprio Teschauer resumiu sua obra no Prólogo: “O assunto deste livro, segundo indica o título, é narração documentada do antigo passado histórico do RS, o qual se estende aos dois séculos XVII e XVIII, dividindo-os em duas partes naturais. Abraça a primeira delas – o 1º volume – o tempo de 1626 a 1687, ou seja, desde o descobrimento e a primeira exploração do território até a época da fundação das Sete Missões Orientais, e a segunda – o 2º volume – a época de 1687 até 1801, quando elas foram incorporadas ao governo português”. O 3º

volume é constituído por notas bibliográficas e pelo *Relatório da transmigração e Guerra dos Sete Povos do RS (1750-1756)* do Pe. Bernardo Nusdorffer, S. J. A História, aqui registrada, publicada há cerca de 80 anos, fugira do alcance dos leitores e estudiosos. Somente bibliófilos e bibliotecas especializadas a possuíam. Pelo que, em boa hora, a Editora UNISINOS resolveu reeditá-la na sua Coleção Fisionomia Gaúcha, onde já figura a imprescindível *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, de Balduino Rambo. Preparou a reedição o historiador rio-grandense Pe. Artur Rabuske, SJ, que transcreveu a obra com ortografia atualizada e efetuou a tradução vernácula dos documentos do oriental espanhol, procedimento que provocará discussões, mas que o autor justifica: “o original espanhol, por sua antigüidade, longe se encontra de uma fácil compreensão atual de leitores brasileiros.”

### Carlos Teschauer: historiador do Rio Grande

Historiador, lingüista, etnográfico e folclorista, foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 1920.

Nascido em 1851, em Birnstein, na Alemanha, tornou-se jesuíta em 1874, sentindo em sua pele, desde logo, os efeitos do *Kulturkampf* de Bismarck, que proibiu a presença dos jesuítas na Alemanha a partir de 1872, o que fez com que estudasse na Áustria e na Inglaterra. Em 1880 chegou a Porto Alegre, lançando-se de corpo e alma ao estudo do português. “Trabalhando no Brasil, naturalizei-me brasileiro”, afirmou certa vez. Homem forte e dotado de invejável saúde, marcou pequena presença como professor no Ginásio Conceição, de São Leopoldo, no Anchieta, de Porto Alegre, e em incipiente escola em Rio Grande. Sua vocação não era o ensino, mas a pesquisa e a publicação de trabalhos nas áreas de sua especialização. Em livro de 1926, em sua homenagem, foi chamado de “o historiador do Rio Grande”. Segundo depoimento do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J., como ele membro do Instituto Histórico do RGS, “foi o jesuíta que mais contribuiu para aumentar a estima da Companhia de Jesus entre o mundo intelectual brasileiro, durante os três primeiros decênios do século XX. Batalhou pela justiça e pela verdade no campo da história nacional”.

No início do século, o Pe. Jacó Fãh, intelectual e filósofo de porte, apontou-lhe – e o futuro demonstrou o acerto de sua atitude – o rumo da história brasileira. Para tal fim começou a trabalhar com inesperado afinco. De 1901 até sua morte, não passava ano sem que ele surpreendesse os seus admiradores com alguma nova publicação. Consagrava suas horas de descanso e suas férias ao estudo de nossa história, geografia, etnografia, folclore e línguas indígenas. Cruzou o RGS em diversos sentidos, empreendeu viagens ao Rio e a Buenos Aires, devassou arquivos nacionais e estrangeiros, públicos e particulares, compulsou documentos impressos e manuscritos, manteve correspondência assídua com historiadores, lingüistas e técnicos, entre os quais Duhr, Pablo Hernández, Hafnet, W. Schmidt, João Ribeiro, Calógeras, Capistrano de Abreu, Afonso Taunay, Ramiz Galvão, Max Fleuiss. Pertenceu a várias instituições científicas, como Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Rio Grande do Sul e do Rio Grande do Norte, Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco. Foi sócio correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos do Ceará, Paraná, Minas Gerais e Bahia.

## Últimos trabalhos

Teschauer cerrou fileiras em torno do ideal de alguns nacionalistas radicais, segundo os quais o Brasil deveria ter sua língua inteiramente própria, independente de qualquer influência lusa, a ponto de ser custoso a um português compreender o nosso idioma. Esse modo de pensar produziu numerosos apontamentos, dos quais nasceram as *Apostilas* e o *Novo Dicionário Nacional*, de 952 páginas, com os brasileirismos coletados por ele.

Destacou-se como etnógrafo, divulgador dos nossos mitos, sagas e superstições indígenas, recolhendo com carinho tudo quanto se referisse a esses temas, nos quais se tornou verdadeira autoridade. Câmara Cascudo afirmou que o “livro *Avifauna e Flora* tornara-se clássico para o folclore tradicional nas partes de cotejo com as andanças sulistas” (Diário de Notícias, 16.8.1931).

Durante mais de 15 anos, Teschauer residiu no Ginásio Anchieta, de Porto Alegre, à rua Duque de Caxias, onde permaneceu até que sua férrea saúde, abalada por uma queda, motivasse sua ida para a Chácara dos Jesuítas, em São Leopoldo, onde faleceu aos 16 de agosto de 1930. Suas exéquias foram presididas D. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, no cemitério dos jesuítas, onde repousa.

*IHU On-Line* procurou o editor da obra de Carlos Teschauer, Pe. Arthur Rabuske, SJ. Ele dá informações sobre Teschauer, narra as motivações que originaram o livro e as razões da reedição com ortografia atualizada e tradução vernácula dos documentos do oriental espanhol.

**IHU On-Line** — Quem foi o Carlos Teschauer?

**Arthur Rabuske** — É difícil respondê-lo em poucas palavras. O Carlos Teschauer nasceu em Birnstein, na Alemanha, em 1851 e faleceu em São Leopoldo, em 1930. Estudou na Áustria e na Inglaterra. Veio para o Brasil por volta de 1880, como padre Jesuíta. Tornou-se exímio leitor da língua portuguesa e era um poço de erudição. Humanista e filólogo, estudou de modo especial o linguajar gaúcho, sobre os quais temos disponível um artigo: *Poranduba rio-grandense*. Por 10 anos, trabalhou como Pároco em São Sebastião do Caí e em Montenegro. Na minha opinião, Pe. Teschauer é o pai da historiografia científica do RS e nosso maior historiador.

**IHU On-Line** — Podemos falar que o Pe. Teschauer tinha uma obsessão pela História do RS?

**Arthur Rabuske** — Diria que ele tinha uma obsessão pela verdade histórica. O meio intelectual brasileiro apresentava uma leitura anti-jesuítica e Teschauer não apresenta uma história apologética, nem triunfalista. Ele não tinha medo diante da verdade.

**IHU On-Line** — Como foi elaborada a obra e quanto tempo levou?

**Arthur Rabuske** — A elaboração da obra durou 10 anos e contou com viagens a Buenos Aires, Rio de Janeiro e consultas aos arquivos de Roma, Bruxelas, Espanha e Portugal. Nas idas a Buenos Aires, para consultar o *Archivo General*, Teschauer tomou contato com os materiais reunidos por Pablo Hernández que reunira material sobre a organização política e social das missões.

**IHU On-Line** — Por que o Senhor se deu ao trabalho organizar essa reedição?

**Arthur Rabuske** — Primeiro, porque os três tomos são obra básica para os estudos missioneiros e estavam fora do comércio e somente bibliotecas de mais tradição têm os livros. Depois, acompanho a evolução dos estudos sobre o temas missões e vejo um

enorme incremento, tanto no Brasil quanto na Argentina, Paraguai e Uruguai. Apareceram diferentes interpretações e vejo que faltam conhecimentos básicos históricos. Para muitos a temática missões se resume aos sete povos. Perdem o contexto anterior e suas populações, por exemplo. Um livro é um instrumento de trabalho e o editor espera encontrar leitores inventivos. Deixo o desafio para que outros editem essa obra e melhor.

## ACONTECE

### Imprensa da **UNISINOS visita o IHU**

Amanhã, dia 7, das 17h30min às 18h30min, a coordenação e a equipe de comunicação do IHU estarão recebendo diversos representantes dos veículos de comunicação internos da Universidade e os coordenadores dos cursos e professores das disciplinas de produção dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Representantes da TV e Rádio Unisinos, do Jornal da Unisinos, das agências experimentais de Jornalismo, PP e RP, estarão presentes no dia. Com este evento, a coordenação do Instituto busca uma aproximação com os responsáveis pela Comunicação interna na Universidade, a fim de abrir possibilidades de pautas nos diversos veículos e nas produções em sala de aula. Dessa forma, o trabalho do Instituto e suas áreas de pesquisa e atuação terão maior divulgação e estarão mais presentes na discussão do dia-a-dia do Campus. Na pauta do encontro, está a apresentação do Instituto Humanitas Unisinos e do *Simpósio do Bem Comum e Solidariedade. Por uma ética na economia e na política do Brasil*, a cargo do Coordenador do IHU, Pe. Inácio Neutzling. Após a apresentação, os comunicadores conhecerão as dependências do Instituto. Um momento de confraternização encerrará o encontro.

## UNITRABALHO

Pe. José Ivo Follmann SJ, Diretor do Centro de Ciências Humanas, participou, como representante do Sr. Reitor, na VII Assembléia da Rede UNITRABALHO, que se realizou no dia 29 de abril, na PUC de São Paulo. Estiveram presentes 22 Reitores ou representantes de Universidades. Na Assembléia, foram eleitos os novos titulares da direção da entidade, ficando como Presidente, *Prof. Dr. Oswaldo Baptista Duarte Filho*, Reitor da Universidade Federal de São Carlos (SP), e como Vice-Presidente, Luiz Augusto Costa a Campis, Reitor da Universidade Integrada de Santa Cruz (RS). Também reafirmou-se o compromisso de consolidar sempre mais esta importante REDE na qual estão inscritas, hoje, 92 universidades brasileiras, que têm como temática comum os novos desafios do mundo do trabalho. A Rede UNITRABALHO existe desde 1996. O Núcleo Local UNISINOS hoje é coordenado pelos Professores

Dárnis Corbellini e Maria Clara Bueno Fischer e integra o Setor Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo do IHU.

## **Universidade Solidária**

Nos próximos meses, um grupo de alunos e professores da UNISINOS receberá 40h de capacitação para participar do Programa Universidade Solidária (UniSol), módulo Nacional, que, em 2002, terá a participação de 107 Instituições de Ensino Superior (IES). Outra boa notícia é a inscrição de três projetos da UNISINOS no módulo regional, nas áreas de Saúde, Educação e Comunicação. A avaliação da proposta de parceria entre MEC / IES desse módulo sairá até 15 de maio, quando serão abertas as inscrições para alunos e professores interessados. “Para o aluno é excelente! É um diferencial na sua formação, porque é uma experiência de atividade solidária e interdisciplinar marcante. Por outro lado, como universidade, não podemos alimentar a crença de que mudaremos a realidade desses municípios. Em três semanas, não mudamos uma cultura. Além disso, não temos refletido sobre o significado de nossas ações. Para mim, somos usados pelo governo. Ele inclui esses programas de alfabetização, por exemplo, para mostrar índices ao Banco Mundial,” pondera Vera Lúcia Bemvenuti, Coordenadora de Ação Comunitária da UNISINOS. Tanto o módulo nacional quanto o módulo regional se propõem a investir na formação cidadã dos futuros profissionais, contribuir para disseminar e consolidar a ação comunitária das universidades brasileiras, fortalecendo a área de Extensão, e possibilitar a troca de conhecimentos entre as equipes universitárias e as comunidades. Até 2002, mais de 100 alunos e nove professores da UNISINOS estiveram envolvidos no módulo nacional, desenvolvido nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, especialmente nos Estados do AM, CE e BA.

<http://www.universidadesolidaria.org.br>

**Livros & Artigos**

### **TRABALHO: O ÍDOLO DOS NOSSOS DIAS**

Carlo Maria Martini, cardeal-arcebispo de Milão, jesuíta, no dia 1º de maio, denunciou o caráter cada vez mais pagão do trabalho, hoje. O cardeal-arcebispo comparou o trabalho, que rouba o tempo disponível para si e para as pessoas que se ama a Kronos, o deus que devora os próprios filhos. “Cada vez aumentam mais as horas extras, até os dias feriados são cada vez menos e são colocados em questão as relações familiares e a própria autonomia”.

O pronunciamento teve grande repercussão na Itália. Traduzimos e aqui reproduzimos trechos do pronunciamento publicado no diário *Il Corriere della Sera*, 1 de maio de 2002. “O trabalho, que se torna o único deus, um bezerro de ouro ante o qual todos se dobram, que cada vez mais requer uma dedicação total e monopolizadora, pode ser catalogado no elenco das idolatrias condenadas pela Escritura. Trata-se de um trabalho incerto, sem proteção, cada vez mais precário, que não garante o amanhã”.

### Expulsão do mercado

"Nos nossos dias, cada vez mais o trabalho requer pessoas inteligentes, intuitivas, sensíveis, adaptáveis, sempre jovens, inovadoras e vivazes. Mas aqui aparece o outro lado da medalha: não é possível sempre se mover orientado pelas exigências continuamente novas, manter-se sempre jovem e manter-se atualizado, pois, muitas vezes, faltam as forças para isso, falta o tempo, a inteligência e as qualidades suficientes. Assim, muitas pessoas ficam marginalizadas, não conseguindo entrar no mundo do trabalho: as que têm mais de quarenta anos, as mulheres, as pessoas menos qualificadas”.

E o cardeal aposta na necessidade de redesenhar um trabalho “sob a medida da pessoa humana”. “O mundo do trabalho necessita de opções fundamentais de solidariedade. Preocupa-nos a atual situação que aponta para modelos de sociedade que não nos convencem, pelo liberalismo que aumenta a pobreza e marginaliza as pessoas menos capazes de responder às exigências do mercado”.

### Ainda sobe o trabalho...

Na edição n.º. 9 do *IHU On-Line*, do dia 18 de março, sugerimos como ‘artigo da semana’: *Surexploitation joyeuse aux Etats-Unis. Cadres et employés communient dans la ‘religion’ du travail*, de Ibrahim Warde, *Le Monde Diplomatique*, mars 2002, p. 27. O autor é professor na Universidade da Califórnia, Berkeley. O artigo, muito instigador, analisa como “o trabalho se torna uma nova ideologia, uma nova religião”.

Ou seja, o artigo de I. Warde vai na mesma direção do pronunciamento de Carlo Maria Martini.

## LIVRO DA SEMANA

### REFLEXÃO SOBRE O CULTO MODERNO DOS DEUSES FE(I)TICHES

Bruno LATOUR, *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru, SP: Edusc, 2002. (Tradução realizada a partir da edição de 1996). Uma nova edição do livro com o título *Petite réflexion sur le culte moderne des dieux faitiches* acaba de ser lançada na França.

Bruno Latour, 55 anos, formado em Filosofia, cursou Antropologia na Costa do Marfim. Atualmente, ensina em várias escolas de Engenharia, na França. Na École de Mines, ele dirige o prestigioso Centro de Sociologia da Inovação e é o responsável pelo curso *Controvérsias Científicas*. Ele é, igualmente, professor na London School of Economics e no departamento de História das Ciências de Harvard.

Entre muitos livros publicados em português do autor, destacamos: *Ciência em ação*. São Paulo: Unesp, 2000 e *Esperança de Pandora*. Ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: Edusc, 2001. Bruno Latour acaba de lançar, na França, seu novo livro *Jubiler ou les tourments de la parole religieuse*, Les Empêcheurs-Le Seuil. Paris, 2002, 200 p.

A Sociologia praticada por Bruno Latour ocupa um lugar especial no quadro da Sociologia contemporânea, por sua arrojada proposta interdisciplinar.

Neste livro, o sociólogo concentra seu olhar privilegiado na noção multiforme de crença, procurando intensificar o diálogo entre os que falam de fatos e os que falam de fetiches.

Desde totens pré-históricos até as inúmeras práticas facilmente identificáveis em qualquer sociedade atual, os fetiches têm pontuado a história da humanidade sob formas diversas e com influência variável, mas quase sempre presente.

O enfoque do autor, baseado na Sociologia das Ciências e na recém-estruturada Etnopsiquiatria, desenvolve-se com a cautela própria dos estudiosos experientes, propondo problemas e discutindo possíveis soluções para uma questão central: “Como falar simetricamente de nós como dos outros, sem acreditar nem na razão, nem na crença, respeitando, ao mesmo tempo, os fetiches e os fatos?”.

Este questionamento conduz necessariamente ao agnosticismo, o qual é aqui definido como “uma forma de não acreditar, em absoluto, na noção de crença”.

Reproduzimos, a seguir, o prefácio e o prólogo, respectivamente, da edição brasileira do livro da semana:

## Prefácio

“Tobie Nathan e sua equipe receberam-me durante três meses em suas consultas de Etnopsiquiatria. Isabelle Stengers pediu-me que viesse explicar em seu seminário o efeito desta experiência, que tento definir há alguns anos, sobre a Antropologia dos modernos. Philippe Pignarre propôs-me acolher esta reflexão, muito provisória no âmbito de sua coleção, a fim de acelerar o diálogo entre aqueles que falam dos fatos e aqueles que falam dos fetiches. Aceitei a oportunidade que me ofereceram de comparar certos efeitos da Sociologia das Ciências com alguns traços da Etnopsiquiatria.

Escolhi centrar minha comparação na noção multiforme de crença. De fato, nossos antepassados, adeptos do pensamento livre, ao zombarem de nossas crenças extravagantes e, ao mesmo tempo, das dos outros, nos legaram a ironia à qual Voltaire, após tantos, soube dar o tom. Mas para ridicularizar assim todos os cultos, para derrubar todos os ídolos, seria preciso acreditar na razão, única força capaz de refutar todas essas loucuras... Como falar simetricamente de nós e dos outros sem acreditar nem na razão, nem na crença, respeitando, ao mesmo tempo, os fetiches e os fatos? Esforcei-me para realizar isso, de forma um tanto desajeitada, definindo o agnosticismo como uma forma de não acreditar, em absoluto, na noção de crença”.

## Prólogo

“Diz-se que os povos de pele clara que habitam a faixa setentrional do Atlântico, praticam uma forma particular de culto às divindades. Eles partem em expedição a outras nações, apropriam-se das estátuas de seus deuses e as destroem em imensas fogueiras, conspurcando-as com as palavras ‘fetiches! fetiches’, que, em sua língua bárbara, parece significar ‘fabricação, falsificação, mentira’. Ainda que afirmem



não possuir nenhum fetiche e ter recebido apenas de si próprios a missão de livrar as outras nações dos mesmos, parece que suas divindades são muito poderosas. Na verdade, suas expedições aterrorizam e assombram os povos assim atacados, por meio de deuses concorrentes, que eles chamam de Mau Din, cujo poder parece ser tão misterioso quanto invencível. Acredita-se que tenham erguido vários templos e que os cultos realizados no interior dos mesmos sejam tão estranhos, assustadores e bárbaros quanto os realizados no exterior. No decorrer das grandes cerimônias, repetidas de geração em geração, eles destroem seus ídolos a golpes de martelo; após o que, declaram-se livres, renascidos, não tendo, a partir de então, nem ancestrais, nem mestres. Acredita-se que tirem grande benefício destas cerimônias, pois, livres de todos os seus deuses, podem fazer, durante este período, tudo o que quiseram, combinando as forças dos quatro Elementos àquelas dos seis Reinos e dos trinta e seis Infernos, sem se sentirem, de modo algum, responsáveis pelas violências assim provocadas. Uma vez terminadas tais orgias, diz-se que entram em grande desespero, e que, aos pés de suas estátuas destruídas, resta-lhes apenas, acreditar-se responsáveis por tudo o que aconteceu e a que chamam ‘humano’ ou ‘sujeito livre de si’, ou ao contrário, que não são responsáveis por nada, e se encontram inteiramente submetidos ao que chamam ‘natureza’ ou ‘objeto causa de tudo’ – os termos se traduzem mal na nossa língua. Assim, como que aterrorizados por sua própria audácia e para pôr fim ao seu desespero, restauram as divindades Mau Din que acabaram de destruir, oferecendo-lhes milhares de oferendas e milhares de sacrifícios, recolocando-as nos cruzamentos, protegendo-as com arcos de ferro, como fazemos com o fundo dos tonéis. Diz-se, por fim, que forjaram um deus à sua imagem, isto é, como eles, ora senhor absoluto de tudo que fabrica, ora inteiramente inexistente. Estes povos bárbaros parecem não compreender o que agir quer dizer.” (Relatório do conselheiro Déobalè, enviado à China pela corte da Coreia, na metade do século XVIII).

## ENTREVISTAS DA SEMANA

- **LEONARDO BOFF**
- **JEAN BAUDRILLARD**

O pensador, escritor e teólogo Leonardo Boff concedeu uma entrevista para o n.º 2 do *JB Ecológico*, revista mensal, publicada pelo *Jornal do Brasil*, no dia 28 de abril de 2002, p. 12 e 13. Reproduzimo-la na íntegra.

### “Somos Deus e o Satã da Terra”

**JB Ecológico – Por que temos tanta dificuldade em lembrar dessa verdade tão ancestral?**

**Leonardo Boff** – É porque, na nossa ilusão, criamos um pedestal sobre o qual nos colocamos vaidosamente, pensando que toda a Criação só tem sentido se ordenada ao ser humano. Nós nos sentimos reis e rainhas do universo e da Terra. É o famoso antropocentrismo, o ser humano como o centro de tudo. Só que isso não é verdade. O ser humano entrou no cenário da história da Terra quando 96% dessa história já estavam concluídos. A Terra não é, portanto, produto humano. Ela não surgiu a partir do desejo humano. A Terra, com sua imensa complexidade, biodiversidade, e é essa a verdade que nos dói, se realizou sem nós.

**JB Ecológico – Mas ela não precisou do ser humano para elaborar sua grandeza?**

**Boff** – Nós surgimos a partir dos elementos terrestres e cósmicos que nos antecederam. Somos nós, então, que pertencemos à Terra e não a Terra que nos pertence. Daí a profunda ilusão de pensar que somos a destinação última da Terra. Foi isso que nos fez separar ecologicamente da Natureza, de Deus, do Criador. Rompemos a solidariedade planetária e cósmica. Em vez de nos colocarmos junto às coisas, nos colocamos acima delas, para dominá-las.

**JB Ecológico – Essa é a nossa ilusão?**

**Boff** – Sim, porque, na verdade, nós dependemos de um prato de arroz e feijão, de um copo de água. Dependemos dos trilhões e quatrilhões de microorganismo, de vírus e de bactérias que estão dentro de nós. A nossa sobrevivência e a garantia de nossa saúde dependem do equilíbrio dos organismos vivos que são invisíveis, representam 80% de toda a vida, e compõem a vitalidade da Terra e também a nossa. Dizem-nos os cientistas que, em uma colherzinha de solo comum, há 50 bilhões de microorganismos. Nós dependemos dessas realidades, mas nós esquecemos. Por isso fomos ao exílio. Nos isolamos da imensa comunidade de todos os seres vivos. Mas recuperamos a verdade. Descobrimos a Terra, a humanidade como a Terra pensa.

**JB Ecológico – Existe outra descoberta?**

**Boff** – A vida. Essa descoberta, que nos veio a partir de 1954, foi algo absolutamente surpreendente até para a própria ciência, depois que dois cientistas norte-americanos decodificaram o código genético, isto é, aquele alfabeto diante do qual é construído um ser vivo.

**JB Ecológico – Mas qual foi a surpresa da decodificação do código genético do ser humano?**

**Boff** – A descoberta de que este código está presente em cada célula do corpo humano, mesmo a mais exterior, na epiderme, que nós podemos, com a unha, arrancar. Ela tem toda a informação necessária para construir e reconstruir a vida, reproduzir e multiplicar a sua imensa diversidade. A surpresa foi que a vida é absolutamente unitária. Da ameba mais originária, há 3,8 bilhões de anos, passamos pelos dinossauros que morreram há 67 bilhões de anos, chegamos aos colibris de hoje, aos cavalos e a nós. Temos o mesmo código genético. Temos o mesmo alfabeto mediante o qual a vida se constrói. Apenas as sílabas se combinam diferentemente e aí surge a diversidade dos seres vivos. Mas a vida, aprendemos, é profundamente unitária.

**JB Ecológico – Então somos todos irmãos e irmãs, como pregava São Francisco?**

**Boff** – Sim, pela ciência, quando ele percebeu esta verdade por intuição. Todos os seres são irmãos por uma conseqüência científica, construídos que somos com os mesmos elementos físico-químicos. A diferença entre um chimpanzé e nós é de quatro décimos de genes. Temos 99,6 de genes iguais. Só faltam 0,4, que o chimpanzé tem, mas que não estão ativados. Se um dia fossem ativados, o chimpanzé viraria um ser humano. Admito, inclusive, que eles nem queiram ser seres humanos do jeito que somos. Preferem ficar chimpanzés.

**JB Ecológico – Qual será a descoberta seguinte?**

**Boff** – Essa ainda está em construção. É descobrirmos qual é nossa missão aqui. Para isso, precisamos ser éticos. E ser ético significa ser esse ser responsável pela casa comum que é o planeta Terra. A função antropológica e ética da ecologia é esta: a de devolver ao ser humano a consciência de sua responsabilidade pelo ambiente comum. Já em 1866, o fundador do discurso ecológico, Ernest Heikel, um alemão discípulo de Darwin, criou a palavra ecologia e também a definiu: ecologia é a ciência doméstica. Assim como economia, palavra aparentada da ecologia que cuida das necessidades da casa. Ou o ecumenismo, que também vem de “oikos”, que prega a harmonia dos habitantes da casa comum, para que vivam em paz e não conflitem entre si. Ecologia significa cuidar da casa comum, que não é a casa onde nós habitamos, nem a cidade onde nós vivemos. A casa comum é o planeta onde todos os seres vivem juntos, articulados entre si.

### **JB Ecológico – O ser humano conseguirá? Haverá tempo de ele cuidar dessa casa comum?**

**Boff** – Nós já nos demos conta de que podemos ser o satã da Terra ou seu anjo bom. Atualmente, estamos demonstrando que podemos ser o satã. Nós montamos uma máquina de morte que vem devastando todo o planeta. Mais da metade dos animais e plantas que existiam na Terra já foi exterminada. Dois terços de todas as espécies de aves sobre a Terra também estão ameaçados. Uma entre 10 já foi exterminada. E a cada dia desaparecem 50 espécies de plantas e 10 espécies de animais. Isso é avassalador! Nós devemos ter consciência disso. Envenenamos os solos, enchemos de pestilências os ares, contaminamos as águas. Aquilo que mais produzimos como cultura capitalista não são eletrodomésticos, televisores ou carros. É lixo que não se recicla. A natureza não conhece lixo. Ela recicla tudo, retrabalha tudo.

### **JB Ecológico – Estamos sendo, então, o satã da Terra?**

**Boff** – Mais do que isso. Mostramos que somos homicidas. Somos, também, etnocidas, matando etnias, nações indígenas. E ecocidas, por acabarmos também com ecossistemas naturais. Só 12% da Mata Atlântica estão preservados. O resto foi eliminado com todas as espécies existentes lá dentro. E podemos ser geocidas, acabando com a Terra. O cientista Carl Sagan nos deixou um testamento trágico, uma grande advertência. Ele dizia: “O ser humano, nos últimos três séculos, fundamentalmente nas últimas décadas, inventou o princípio da autodestruição. Se ele agilizar as 60 mil armas atômicas, químicas e biológicas que já estão construídas e estocadas, poderá eliminar, várias vezes, a biosfera”.

### **JB Ecológico – E o futuro?**

**Boff** – Se não tomarmos essa decisão, com a voracidade do modelo de civilização que consome energia, quebra os ecossistemas, degrada a Terra, humilha as espécies e as elimina, essa lógica poderá nos levar ao destino dos dinossauros. Por isso, a Ecologia não é apenas um tema da moda. É um tema de profunda revitalidade, um eixo ao redor do qual se articulam todas as questões. Dessa vez, não haverá uma Arca de Noé que salve alguns e deixe perder os outros. Ou nos salvamos todos ou nos perdemos todos.

O Sociólogo, filósofo e ex-professor da Universidade de Nanterre, **Jean Baudrillard**, 73, concedeu uma entrevista ao JB on-line do dia 5 de maio de 2002. Participou da 17ª Bienal do Livro em São Paulo lançando os livros *A troca impossível* (Nova Fronteira) e o último volume de suas crônicas, *Cool memories IV* (Estação Liberdade). Reproduzimos a entrevista na íntegra. Os subtítulos são nossos.

## **Política real**

### **— A ascensão de Jean Marie Le Pen chocou o senhor?**

— A ascensão da direita no mundo traduz desejo de endurecimento e proteção - Le Pen seria o justiceiro, como nos *westerns*. Social e politicamente é um sinal agressivo; os países europeus que nos anos 90 voltaram-se para a esquerda, embicam para a direita. Mas o choque pode ser positivo, sacudindo a indiferença que tomou conta das pessoas. A representação política não existe mais.

### **— Já não se pode distinguir a esquerda da direita?**

— Isso, há muito tempo. Com a globalização, mais ainda. É uma pequena catástrofe, mas o choque Le Pen vai espalhar anticorpos e aumentar a busca pelo político ideal. Só que para isso é preciso a troca entre representante e representado.

## Hiper-realidade

— **O senhor diz que a troca simbólica desapareceu, estamos submersos num universo virtual onde a informação sufocante tornou a comunicação impossível. Há saída?**

— As redes criaram um mundo dissimulado e irresistível. Sonhamos com a realização de todos os desejos, ao mesmo tempo em que entramos num estado desesperador. Retornar ao real tradicional seria extrair o verdadeiro do falso. Só que o mundo dissimulado não é propriamente falso, é hiper-real. E extrair o real do real, não dá. O velho sistema de valores substituído pela troca generalizada de mercadorias só nos levou à impossibilidade de trocar. O antídoto seria o mundo privado, psicológico, afetivo. Mas até ele foi incluído no sistema, em *reality shows* tipo *Big Brother*.

— **Os *reality shows* são sucesso absolutos no mundo todo. Na França também?**

— Também. Há uma atração vertiginosa pela hiper-realidade. Torço pela resistência absoluta, mas por enquanto tudo o que escapa desse sistema são sintomas patológicos: assassinatos em série, pedofilia, homens-bombas. Faz parte da intoxicação.

— **O italiano Domenico di Masi propõe a escapada pelo ócio criativo.**

— A contra-ofensiva é cada um inventar seu próprio nicho.

— **Pode soar conservador, mas como combater o progresso?**

— Com uma guerra. Guerra de informação.

— **Há uma guerra de informações. Ela continua tão avassaladora, depois do 11 de setembro, quanto o foi no Golfo?**

— A guerra de informação foi criada para desinformar sobre essa guerra-álibi, forjada para neutralizar os acontecimentos. Essa é uma guerra tecnológica e cega. Os Estados Unidos não vão encontrar seu adversário. A Al-Qaeda é um mito e contra mito não há guerra. A guerra contra os Estados Unidos é uma fuga para a frente, uma troca impossível de vidas: os terroristas apropriaram-se da morte e com ela pretendem a morte das potências mundiais. É uma guerra em planos diferentes. Para os americanos não existe o outro e sim a compaixão por eles mesmos. Não há confronto de verdade. É um mundo difícil.

## Visão de Brasil e amor pela Bahia

— **O Brasil, aonde o senhor vem com frequência, seria um mundo melhor?**

— Os franceses têm uma visão utópica do Brasil. Vejo uma América que não corresponde à realidade americana. O mito antropológico Brasil é fascinante, não pela violência, mas pela sedução. Há miséria. Mas o jogo é possível, o sonho existe.

— **O senhor distingue um Brasil do outro?**

— O do Sul é politicamente melhor, mas eu amo o outro, o visceral, o afetivo. Amo Salvador, onde o corpo e a sensualidade predominam. Não falo de sexualidade, mas de sensualidade, melhor do que o amor, porque traz a ambivalência do bem e do mal.

— **O amor é possível, mesmo com a comunicação perdida?**

— Amor é questão de desejo, que se revelou mais um tema de troca impossível. O direito ao amor cresceu na mesma medida da sua violação, assim como os Direitos Humanos. Quando alguma coisa desaparece, surge o direito a ela. Quando o ar se faz escasso, ganha-se o direito de respirar. Os valores passaram a ser consumidos como mercadoria num sistema especulativo contra o qual não se pode mobilizar energias. Houellebecq diria que somos partículas elementares desse sistema de rede. Não há subversão possível.

## O ódio das feministas

### — A mulher teria algum papel nessa subversão?

— A mulher adquiriu a estatura e a liberdade do homem, mas perdeu a sacralidade ao aderir ao modelo masculino falido. Não vejo nenhum progresso nisso.

### — As feministas continuam em guerra com o senhor?

— (risos) O movimento feminista francês é caricatural, tem cadelas de guarda. Sempre que falo em sedução feminina, elas atacam, se eu passo por reacionário, elas posam de macho.

### — O senhor está dizendo que as mulheres perderam seu papel?

— Tudo ficou perdido, mas foi recomposto virtualmente. A família, o amor, o afeto desapareceram, mas foi feito um simulacro de cada valor e é aí que vivemos, sem sentido.

## Cultura virou recreação artificial

### — A saída é pela cultura?

— A saída é pela arte. Só que não acredito na arte eletrônica nem no mundo performático. Como o computador, é um jogo que pode dar prazer, mas não gosto dessa banalidade hiper-real. Não acredito no *ready-made*, no *acting-out* do teatro hoje, que se confunde com a banalidade da vida cotidiana. O que desapareceu foi a possibilidade de inventar um mundo novo, a cultura virou um mundo de recreação artificial. E aí a saída está mesmo na singularidade.

### — Qual a sua fórmula pessoal de sobrevivência?

— Eu saio pela escrita e pela fotografia. Recriei uma zona de privilégio, mas reconheço que não é muito democrático.

### — Que pensadores o senhor respeita?

— Difícil, entre os vivos. Discordo de Alain Touraine, que faz parte dos idealistas profissionais. Ele já teve inserção entre os intelectuais socialistas, mas foi marginalizado quando Pierre Bourdieu monopolizou a cena. Eu conheci Bourdieu, mas sempre divergimos. Também não concordo com os filósofos neomarxistas. Gosto de Derrida, mas não temos a mesma visão. Sou amigo do alemão Sloterdijk e do italiano Aganben. Mas gente fascinante, hoje em dia, não vejo mesmo.

# REVISTA DA SEMANA

## ACTUEL MARX

*Actuel Marx* n.º 31, março 2002, cujo tema central é *Le capital et l'humanité* (O capital e a humanidade).

"O terceiro milênio se abre sob a égide do capital, agente de uma mundialização que praticamente, leva, ao máximo, a unidade da espécie humana e faz, agora, de toda questão local ou particular um caso de todos e, do futuro uma causa comum. A dominação planetária do capital financeiro penetra nas fibras mais íntimas da existência de cada habitante do planeta: precarização das situações, degradação do trabalho, subordinação do corpo, apropriação dos saberes, escravização dos imaginários, arrasamento das culturas, militarização dos espaços (reais ou virtuais), omnipresença ameaçadora do eco-desastre. Mas, igualmente, se dão as condições de emergência de novos atores, capazes de afrontar e de colocar em causa a ordem

reinante. Faz-se necessário descobrir as potencialidades, decifrar os sinais, dar um nome ao futuro” – escreve J. Bidet, redator-chefe da revista na apresentação do presente número da *Actuel Marx*. Artigos de Samir Amin, Jean Lojkine, Daniel Bensaïd e Jacques Bidet, entre outros, compõem o presente número. Leitura instigadora.

## FILME DA SEMANA

### ALENTO

*Alento* – (Le Souffle) – França, 2001 – Diretor: Damien Odoul, 34 anos.

Reproduzimos trechos da entrevista do diretor de *Alento*, concedida a Cineweb, quando esteve no Brasil, em abril p.p., para lançar o filme.

**Cineweb** - Por que você decidiu filmar em preto-e-branco?

**Damien Odoul** - Eu queria um grande contraste, branco e preto bem fortes. De dia, as imagens são bastante ensolaradas, já as cenas dentro da gruta carregam um tom bem escuro. As sombras que isso produz é que são importantes para mim.

**Cineweb** - O filme foi escrito em apenas 17 dias. Como se deu esse processo de criação?

**Odoul** - Foi excepcional, algo que só acontece uma vez. Meu próximo filme, por exemplo, demorou três anos para ser escrito.

**Cineweb** - A paternidade é apresentada num sentido depreciativo. Houve alguma passagem da sua vida, como a relação entre Truffaut e a mãe, que inspirou o tema?

**Odoul** - Sim, o filme é um pouco autobiográfico. Um dos temas principais é o fato de o menino não ter pai, o que faz surgir nele a vontade de querer ser um homem e também desperta a violência interior que possui. A história é a mesma, mas minha vida não é importante, e sim o filme.

**Cineweb** - Mesmo com pouquíssimas mulheres, *Alento* deixa oculta a importância da figura feminina. Por quê?

**Odoul** - Eu apresento as mulheres justamente por trás de toda a trama, como bruxas que não são vistas, mas que estão sempre presentes. As mulheres são figuras protetoras, como os animais que protegem os índios. No filme, o lobo é quem está perto do menino.

**Cineweb** - Por que há uma aproximação constante entre o comportamento humano e o animal?

**Odoul** - Por vários motivos. Há os animais da fazenda e há aqueles que trazemos dentro de nós. Os animais da fazenda são o espelho dos homens da fazenda. O relacionamento que o menino tem com os animais é reflexo das relações que ele mantém com o mundo, meio sádico e violento. Os lobos, no entanto, suscitam um sentimento interior do ser humano.

Uma apreciação do filme *Alento* por Luara Gonçalves/Cineweb – ver a página [www.cineweb.com.br](http://www.cineweb.com.br)

"A feiúra parece não assustar o diretor francês Damien Odoul. Em seu longa-metragem de estréia, *Alento*, ele exhibe vísceras de animais e personagens asquerosos, numa França bucólica e desglamourizada. A cena inicial já dá pistas

sobre o que deve esperar o espectador: um homem perfura o pescoço de uma ovelha, que servirá de banquete para alguns convidados, ao mesmo tempo em que seu sobrinho está tendo um pesadelo. O berro do animal agonizante confunde-se com o do adolescente que acorda sobressaltado.

Essa ligação entre homem e animal persiste durante todo o filme e serve como metáfora para designar a posição dos personagens na trama. O protagonista é um adolescente rebelde que tem verdadeira fixação por lobos, o que nos suscita uma ligação com o clássico *Livro da Jângal*, de Rudyard Kipling, escrito em 1894, que conta as aventuras de Mogli, o menino-lobo. Aqui, há uma inversão de posições, e o jovem vive cercado por homens sem nenhuma ambição que, na fita, são aproximados aos burros, uma vez que nada mais fazem a não ser trabalhar.

O protagonista é David (Pierre-Louis Bonnetblanc), enviado para a casa do tio, num pequeno sítio na França. A contragosto, o garoto realiza tarefas cotidianas como alimentar animais e buscar lenha, sempre com um walkman no ouvido. Certo dia, enquanto as mulheres estão fora, o tio reúne os vizinhos para um churrasco e anuncia ao sobrinho que permitirá que ele beba vinho e aguardente no almoço. Depois do primeiro pileque, o garoto vaga pelos campos ainda mais contrariado do que nunca.

*Alento* se vale somente de três mulheres, sendo que uma apenas telefona e as demais realizam minúsculas participações. Dessa maneira, a fita assume um tom visivelmente masculino, mas explicita o lado caótico dessa ausência feminina. A desestruturação familiar também é fundamental para a trama, sendo responsável pelos distúrbios comportamentais do adolescente. Isso é tema de um diálogo entre David e um dos amigos do tio que diz dever-se entender que o pai sempre abandona o filho.

A figura paterna, no filme, é relacionada às iniciações na vida, enquanto a responsabilidade pelo carinho e afeto recai sobre a mãe. Mas é com originalidade que o filme nos explica isso. Um personagem que nada fala e a tudo observa, mas que transita normalmente entre os beberrões convidados, troca algumas poucas palavras com o menino. Ele é o único que, contrariando sua natureza, é capaz de amar, mas apenas porque diz ter sido escolhido por Nossa Senhora exclusivamente para esta missão.

Rodada em preto-e-branco, a película tem uma fotografia fortemente contrastada, talvez para dar a *Alento* um aspecto ainda mais rude. A ressalva fica a cargo de um incidente, envolvendo o protagonista e que poderia ter sido melhor aproveitado em termos dramáticos. Mas ele também prova a maneira grosseira e desajustada adotada pelos homens na resolução de seus problemas”.

## Comunicações da Coordenação

### Logomarca

No dia 29 de abril, a coordenação do IHU reuniu-se com o prof. José Moacir Gomes Pereira, chefe de gabinete da Reitoria, e com Lorena Machado, da Diretoria de Comunicação Social DICOM-UNISINOS, Elair Nogueira e Daniela Horta, da Agência Experimental de Publicidade e Propaganda, para discutir a logomarca do IHU e as outras peças publicitárias.

## Reitor

No dia 29 de abril, a coordenação do IHU foi recebida em audiência pelo Pe. Dr. Aloysio Bohnen, Reitor da UNISINOS. Apresentamos um breve relatório das atividades desenvolvidas pelo IHU, o programa do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, o convite para o Seminário do IHU no dia 23 de agosto e a proposta do Simpósio Internacional sobre a Água em 2003.

## DCE

*No dia 29 de abril, os acadêmicos Eduardo Dutra Fagundes (da Secretaria de Formação Política do DCE- UNISINOS) e Alexandre Carbone Bello (conselheiro universitário do DCE- UNISINOS), se reuniram com a coordenação do IHU. Depois de uma apresentação do projeto do IHU, foram analisadas as possibilidades de parceria entre o DCE e o Instituto na discussão acadêmica da implantação da Área de Livre Comércio da América – ALCA, no Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade e outros eventos.*

## Geologia da Libertação

No dia 29 de abril, o Prof. Dr. Heraldo Campos, do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, se reuniu com a coordenação para discutir, entre outros assuntos, a Geologia da Libertação, a possibilidade e importância do Simpósio Internacional sobre a Água e outras possíveis iniciativas na linha da discussão social e popular do tema da Água.

## Espiritualidade

No dia 30 de abril, a coordenação do IHU convidou o prof. José Jacinto Lara e Pe. Mário Sündermann para serem articuladores do grupo temático Espiritualidade, do Setor Religiões, Teologia e Pastoral.

## Água

No dia 30 de abril, Frei Olávio Dotto, OFM, coordenador da CPT-RS, reuniu-se com a coordenação do IHU para discutir a possibilidade de parceria na promoção do Simpósio Internacional sobre a Água.

## CEB's

Inácio Neutzling, coordenador do IHU, nos dias 4 e 5 de maio, assessorou o encontro das Comunidades Eclesiais de Base da Arquidiocese de Londrina. O encontro, com 278 pessoas, realizou-se em Apucarana, PR, e o tema da assessoria foi *Análise da Conjuntura sócioeconômica brasileira, tendo em vista as mudanças do mundo do trabalho e as eleições presidenciais.*

## Alca

No dia 2 de maio, a coordenação do IHU se reuniu com os professores Álvaro Garcia, do Centro 5, Elias Grossmann, do Centro de Ciências Jurídicas, Solon Viola, do Centro de Ciências Humanas, Dáris Corbellini, representando a ADUNISINOS, os acadêmicos Alexandre Carbone Bello e Eduardo Dutra Fagundes, representando o DCE e Silvana de Lima dos Santos, representando a AFU. Na oportunidade, foi discutida a questão da ALCA. Além da troca de informações e um levantamento dos estudos e pesquisas já realizados na UNISINOS, decidiu-se fomentar a constituição de um comitê de animação do debate do tema. O comitê, sob a coordenação do prof. Laurício Neumann, coordenador do Setor Ética, Cultura e Cidadania, se reunirá no dia 9 de maio para organizar o cronograma de debates e atividades que desembocarão na participação do plebiscito a ser realizado de 1 a 6 de setembro de 2002.



## Boas-vindas

O IHU está recebendo dois novos integrantes. O irmão Jesuíta Tranqüilo Fiametti, mestre em Serviço Social, ingressou no Instituto para trabalhar no Programa de Ação Social da Zona Sul de São Leopoldo e no Programa de Desenvolvimento Alternativo do Vale dos Sinos. Ambos programas pertencem ao Setor 1 de Ética, Cultura e Cidadania. Cláudia Acosta, missionária de Cristo Ressuscitado, formada em Teologia, também está ingressando no Instituto, nesta semana para trabalhar no Setor 3, Religiões Teologia e Pastoral. A ambos damos as boas-vindas e desejamos um ótimo trabalho no Instituto.

## Eventos IHU

Acompanhe a agenda do IHU Idéias:

**Quando?** Toda quinta-feira das 17h30min às 19h.

**Onde?** Na sala 1C103 (Centro de Ciências Humanas).

**O quê?** Apresentação de livros, teses, idéias, debates.

Será servido um cafezinho.

**09 de maio** —acontecerá a apresentação do livro, em três volumes *História do Rio Grande do Sul dos Dois Primeiros Séculos* de autoria do Pe. Carlos Teschauer e reeditado pela Editora Unisinos. A obra será apresentada pelo Prof. Luiz Osvaldo Leite, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

O livro custa R\$ 104,00, mas lembramos que haverá um desconto de 40% para quem o adquirir no espaço do *IHU Idéias* desta quinta-feira.

**16 de maio** — Apresentação do livro *Analíticos e continentais. Guia à filosofia dos últimos trinta anos*, de Franca D'Agostini e traduzido pelo prof. Benno Dischinger e editado pela Editora Unisinos. O livro será apresentado pela Profa. Ana Carolina Regner da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

**Analíticos e continentais** é um manual de Filosofia contemporânea. Franca D'Agostini escreve sobre as principais correntes filosóficas dos últimos trinta anos na Europa e nos Estados Unidos, procurando configurá-las num confronto entre os pensadores que caracterizam a Filosofia Analítica da Linguagem e os pensadores de diversas correntes que formam o que se convencionou chamar de Filosofia Continental. Nas páginas deste livro, o leitor encontrará uma imagem precisa do pensamento contemporâneo, de sua relação com o mundo da ciência, com a questão do sujeito em Filosofia, com a questão da metafísica e com diversas formas de relativismo, ilustrando os vários contextos e modos em que se pensou, inclusive, o fim da filosofia.

**23 de maio** — Aquífero Guarani: o grande manancial do CONE SUL, com o Prof. Heraldo Campos.

Os reservatórios de águas subterrâneas, também chamados aquíferos, são caracterizados em função de seus limites em superfície e subsuperfície, condições de armazenamento e circulação de águas, como unidades práticas de investigação e exploração, em escala regional. O Aquífero Guarani, uma das maiores reservas de água doce do mundo (50 Km<sup>3</sup>), tem uma superfície de mais de um milhão de

quilômetros quadrados que se estende em territórios da Argentina, Brasil (sete estados), Paraguai e Uruguai.

Heraldo Cavalheiro Navajas Sampaio Campos é graduado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, em Geologia. Tem mestrado pela USP, em Geociências; doutorado pela USP, em Geociências; pós-doutorado pela Universidade Politécnica da Catalunha - UPC (Espanha). Atuou no Departamento de Águas e Energia Elétrica de São Paulo - DAEE/SP, na PETROBRAS, na Superintendência de Desenvolvimento do Litoral Paulista - SUDELPA. Lecionou na UNESP e na Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá. Desde 1994, trabalha na UNISINOS, na graduação e pós-graduação em Geologia. Tem vasta produção científica, tecnológica e artístico-cultural, merecendo destaque Mapa Hidrogeológico do Aquífero Guarani, publicado na Acta Geologica Leopoldensia.



*Nossa entrevistada relâmpago nesta edição é...*

## **Silvana Lucas de Aguiar**

Silvana Lucas de Aguiar trabalha no Setor de Higiene e Conservação da Universidade e, atualmente, ocupa-se da limpeza do IHU. Ela e Amilton Hoffmann, com quem é casada há 15 anos, têm dois filhos: Juliana de doze anos e Egon de seis. Natural de São Leopoldo, Silvana tem 11 irmãos e trabalha na UNISINOS há três anos.

**Caminhada:** Estudei até a quarta série no Grupo Escolar General João Borges Fortes, depois parei porque meus pais não tinham condições econômicas, e eu precisei ajudá-los na floricultura que tínhamos no Pe. Reus. Me arrependo muito de não ter estudado mais. Hoje dou a maior força para minha filha estudar. No próximo ano, pretendo retomar os estudos.

**Maternidade:** Ser mãe é ser amiga. Eu tento passar bastante confiança para meus filhos. Eles têm uma liberdade maior para conversar comigo do que eu tive para conversar com os meus pais. Tenho bastante amizade com eles.

**Maior desafio:** Poder criar filhos fortes. Muitas vezes, é um desafio para mim separar os acontecimentos da família dos do trabalho. Quando fico chateada no trabalho, busco dissimular em casa. Mas não sei como meus filhos e meu marido descobrem e terminam dando-me um apoio que me conforta muito. Eu aprendo muito com eles.

**Aprendizado em casa:** Eu sou muito tímida. Eles me obrigam a sair dessa timidez. Aprendi a conversar e a pensar junto com eles. E isso me serviu muito no relacionamento com as outras pessoas.

**Tempo livre:** Se tivesse possibilidades adoraria viajar, ao campo, a algum lugar calmo para refletir.

**Presente que gosta de receber:** Qualquer coisa. Vinda de coração, qualquer coisa é bem-vinda. O melhor presente é a amizade.

**Livros:** Gosto de livros de poesias.

**Filmes-** *O Sexto Sentido*, de M. Night Shyamalan e *Titanic*, de James Cameron.

**Momentos felizes:** Quando estou com minha família, quando saímos juntos.

**Valores:** Honestidade, dignidade, sinceridade.

**Um sonho:** Estudar Psicologia e entender mais as pessoas.

**Uma frase:** Nunca devemos nos preocupar com o que os outros dizem de nós. Seguir assim e praticar o bem.

**UNISINOS:** É bom. Aprendi muita coisa aqui. Não estudo aqui, mas estou aprendendo muitíssimo.

**IHU:** É uma maravilha! Me sinto super bem aqui. Como tem pessoas maravilhosas aqui dentro.

**INTERATIVO**

*Aniversário*

<b>Dia 11/5 Paulo Peixoto de Albuquerque</b> Setor 2: Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo.	Albuq@bage	<b>Ramal 2185</b>
<b>Dia 12/5 Pe. Mário Sündermann</b> Setor 3: Religiões, Teologia e Pastoral – articulador do grupo temático Espiritualidade	Mario@bage	<b>Ramal 4124</b>
<b>Dia 12/5 Pe. Hilário Henrique Dick</b> Setor 1- Ética, Cultura e Cidadania	Hilario@bage	<b>Ramal 1199</b>

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão.  
Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a  
[ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br)